 Tempo de leitura: 14 min.

Dom Bosco propõe uma narrativa detalhada da "Aparição da Bem-Aventurada Virgem na montanha de La Salette", ocorrida em 19 de setembro de 1846, com base em documentos oficiais e nos testemunhos dos videntes. Ele reconstrói o contexto histórico e geográfico – dois jovens pastores, Maximino e Melânia, nas encostas dos Alpes – o encontro prodigioso com a Virgem, sua mensagem de advertência contra o pecado e a promessa de graças e providências, bem como os sinais sobrenaturais que acompanharam as manifestações. Apresenta os eventos da difusão do culto, a influência espiritual sobre os habitantes e sobre o mundo inteiro, e o segredo revelado somente a Pio IX para fortalecer a fé dos cristãos e testemunhar a presença constante dos prodígios na Igreja.

Protesto do Autor

Para obedecer aos decretos de Urbano VIII, protesto que, no que se dirá no livro sobre milagres, revelações ou outros fatos, não pretendo atribuir outra autoridade senão humana; e ao dar algum título de Santo ou Beato, não o faço senão segundo a opinião; excetuando aquelas coisas e pessoas que já foram aprovadas pela Santa Sé Apostólica.

Ao leitor

Um fato certo e maravilhoso, atestado por milhares de pessoas, e que todos ainda hoje podem verificar, é a aparição da bem-aventurada Virgem, ocorrida em 19 de setembro de 1846 (Sobre este fato extraordinário podem ser consultadas muitas pequenas obras e vários jornais impressos na época, especialmente: Notícia sobre a aparição de Maria Santíssima, Turim, 1847; Santo oficial da aparição etc., 1848; O livrinho impresso aos cuidado do padre José Gonfalonieri, Novara, junto a Enrico Grotti).

Nossa piedosa Mãe apareceu em forma e figura de grande Senhora a dois pastores, ou seja, a um menino de 11 anos e a uma jovem de 15 anos, lá no alto de uma montanha da cadeia dos Alpes situada na paróquia de La Salette, na França. E ela apareceu não apenas para o bem da França, como disse o Bispo de Grenoble, mas para o bem de todo o mundo; e isso para nos advertir da grande ira de seu Divino Filho, acesa especialmente por três pecados: **a blasfêmia**, **a profanação dos domingos e festas** e o **comer à saciedade nos dias de jejum**.

A seguir, outros fatos prodigiosos também recolhidos de documentos públicos, ou atestados por pessoas cuja fé exclui qualquer dúvida sobre o que relatam.

Que esses fatos sirvam para confirmar os bons na religião, para refutar aqueles que

talvez por ignorância queiram impor um limite ao poder e à misericórdia do Senhor, dizendo: Não é mais tempo de milagres.
Jesus disse que em sua Igreja se operariam milagres maiores do que Ele operou: e não fixou nem tempo nem número; por isso enquanto houver Igreja, veremos sempre a mão do Senhor manifestar seu poder com acontecimentos prodigiosos, porque ontem, hoje e sempre Jesus Cristo será aquele que governa e assiste sua Igreja até a consumação dos séculos.
Mas esses sinais sensíveis da Onipotência Divina são sempre prenúncio de graves acontecimentos que manifestam a misericórdia e a bondade do Senhor, ou sua justiça e seu desagrado, mas de modo que se tire a maior glória e o maior proveito para as almas.
Façamos que para nós sejam fonte de graças e bênçãos; sirvam de estímulo à fé viva, fé operosa, fé que nos mova a fazer o bem e a fugir do mal para nos tornarmos dignos de sua infinita misericórdia no tempo e na eternidade.

Aparição da Bem-Aventurada Virgem nas montanhas de La Salette

Maximino, filho de Pedro Giraud, carpinteiro da vila de Corps, era um menino de 11 anos; Francisca Melânia, filha de pais pobres, natural de Corps, era uma jovem de 15 anos. Não tinham nada de singular: ambos ignorantes e rústicos, ambos encarregados de cuidar do gado nas montanhas. Maximino não sabia mais que o Pai-Nosso e a Ave-Maria; Melânia sabia um pouco mais, tanto que por sua ignorância ainda não havia sido admitida à sagrada Comunhão.
Mandados por seus pais para guiar o gado nos pastos, foi por puro acaso que no dia 18 de setembro, véspera do grande acontecimento, se encontraram na montanha enquanto davam água às suas vacas numa fonte.
Naquela noite, ao voltarem para casa com o gado, Melânia disse a Maximino: “Quem será o primeiro a estar na Montanha amanhã?” E no dia seguinte, 19 de setembro, que era um sábado, subiram juntos, conduzindo cada um quatro vacas e uma cabra. O dia estava bonito e sereno, o sol brilhante. Por volta do meio-dia, ouvindo tocar o sino do Angelus, fizeram uma breve oração com o sinal da cruz; depois pegaram suas provisões e foram comer perto de uma pequena nascente, que ficava à esquerda de um riacho. Terminada a refeição, atravessaram o riacho, deixaram suas sacolas perto de uma fonte seca, desceram mais alguns passos e, ao contrário do habitual, adormeceram a certa distância um do outro.
Agora ouçamos o relato dos próprios pastores, tal como o fizeram na noite do dia 19 para seus patrões e depois milhares de vezes para milhares de pessoas.
“Nós tínhamos adormecido…” conta Melânia, “eu acordei primeiro; e, não vendo minhas vacas, acordei Maximino dizendo: Vamos procurar nossas vacas. Passamos

o riacho, subimos um pouco, e as vimos do lado oposto deitadas. Elas não estavam longe. Então voltei para baixo; e a cinco ou seis passos antes de chegar ao riacho, vi um clarão como o Sol, mas ainda mais brilhante, porém não da mesma cor, e disse a Maximino: Venha, venha depressa para ver um clarão lá embaixo (Era entre duas e três horas depois do meio-dia).”
Maximino desceu imediatamente dizendo-me: “Onde está esse clarão?” E eu o indiquei com o dedo apontando para a pequena fonte; e ele parou quando o viu. Então vimos uma Senhora no meio da luz; ela estava sentada sobre um monte de pedras, com o rosto entre as mãos. De medo, deixei cair meu bastão. Maximino me disse: “Segure o bastão; se ela fizer algo, eu lhe darei uma boa surra.”
Depois essa Senhora levantou-se, cruzou os braços e nos disse: “Avancem, meus meninos: Não tenham medo; estou aqui para lhes dar uma grande notícia.” Então atravessamos o riacho, e ela avançou até o lugar onde antes tínhamos adormecido. Ela estava entre nós dois, e nos disse chorando todo o tempo que falou (eu vi claramente suas lágrimas): “Se meu povo não quiser se submeter, sou obrigada a deixar livre a mão de meu Filho. Ela é tão forte, tão pesada, que não posso mais contê-la.”
“Já faz muito tempo que sofro por vocês! Se quero que meu Filho não os abandone, devo orar constantemente; e vocês não dão importância a isso. Vocês podem orar, podem fazer o bem, mas jamais poderão compensar o cuidado que tive por vocês.”
“Dei-lhes seis dias para trabalhar, reservei o sétimo para mim, e não querem concedê-lo a mim. Isso é o que torna tão pesada a mão de meu Filho.”
“Se as batatas estragarem, é tudo por causa de vocês. Eu lhes mostrei isso no ano passado (1845); e vocês não quiseram dar atenção, e, encontrando batatas estragadas, blasfemavam colocando no meio o nome de meu Filho.”
“Continuarão a estragar, e este ano, no Natal, vocês não terão mais (1846).”
“Se tiverem trigo, não devem semeá-lo: tudo o que semearem será comido pelos vermes; e o que nascer será pó quando o debulharem.”
“Virá uma grande fome” (De fato, houve uma grande fome na França, e nas estradas havia grandes grupos de mendigos famintos, que iam aos milhares pelas cidades pedindo esmolas: e enquanto aqui na Itália o trigo encareceu na primavera de 1847, na França durante todo o inverno de 1846-1847 sofreu-se muita fome. Mas a verdadeira escassez de alimentos, a verdadeira fome foi experimentada nos desastres da guerra de 1870-71. Em Paris, um grande personagem ofereceu a seus amigos um lauto almoço com carnes na Sexta-feira Santa. Poucos meses depois, nessa mesma cidade, os cidadãos mais abastados foram obrigados a se alimentar de alimentos pobres e de carnes dos animais mais sujos. Muitos morreram de fome.)

“Antes que venha a fome, as crianças abaixo de sete anos serão tomadas por um tremor e morrerão nas mãos das pessoas que as segurarem; os outros farão penitência pela fome.”
“As nozes estragarão, e as uvas apodrecerão…” (Em 1849 as nozes estragaram por toda parte; e quanto às uvas, todos ainda lamentam o estrago e a perda. Todos lembram o enorme dano que o oídio (fungo) causou às uvas em toda a Europa por mais de vinte anos, de 1849 a 1869).
“Se se converterem, as pedras e os penhascos se transformarão em montes de trigo, e as batatas nascerão da própria terra.”
Então ela nos disse:
“Vocês rezam bem suas orações, meus meninos?”
Ambos respondemos: “Não muito bem, Senhora.”
“Ah, meus meninos, vocês devem dizê-las bem à noite e de manhã. Quando não tiverem tempo, digam pelo menos um Pai-Nosso e uma Ave-Maria; e quando tiverem tempo, digam mais.”
“À Missa vão apenas algumas mulheres idosas, e as outras trabalham aos domingos durante todo o verão; e no inverno os jovens, quando não sabem o que fazer, vão à Missa para zombar da religião. Na quaresma vão ao açougue como cães.”
Então ela disse: “Você não viu, meu menino, trigo estragado?”
Maximino respondeu: “Oh! não, Senhora.” Eu, sem saber a quem ela fazia a pergunta, respondi em voz baixa.
“Não, Senhora, ainda não vi.”
“Você deve ter visto, meu menino (dirigindo-se a Maximino), uma vez perto do território de Coin com seu pai. O dono do campo disse a seu pai para ir ver seu trigo estragado; vocês foram os dois. Pegaram algumas espigas nas mãos, e ao esfregá-las todas viraram pó, e vocês voltaram. Quando ainda estavam a meia hora de Corps, seu pai deu a você um pedaço de pão, e disse: «Tome, meu filho, coma ainda pão este ano; não sei quem comerá no próximo ano, se o trigo continuar a estragar assim.»”
Maximino respondeu: “Oh! sim, Senhora, agora me lembro; pouco antes não me lembrava.”
Depois disso, aquela Senhora nos disse: “Bem, meus meninos, vocês vão contar isso a todo o meu povo.”
Então ela atravessou o riacho, e a dois passos de distância, sem se voltar para nós, disse novamente: “Bem, meus meninos, vocês vão contar isso a todo o meu povo.”
Ela subiu depois uns quinze passos, até o lugar onde fomos procurar nossas vacas; mas ela caminhava sobre a grama; seus pés tocavam apenas o topo. Nós a seguimos; eu passei na frente da Senhora e Maximino um pouco de lado, a dois ou

três passos de distância. E a bela Senhora se elevou assim (Melânia faz um gesto levantando a mão mais de um metro); Ela ficou suspensa no ar por um momento. Depois ela lançou um olhar para o Céu, depois para a terra; depois não vimos mais a cabeça… nem os braços… nem os pés… parecia que se dissolvia; só se viu um clarão no ar; e depois o clarão desapareceu.
Eu disse a Maximino: “Será talvez uma grande santa?” Maximino me respondeu: “Oh! se soubéssemos que era uma grande santa, teríamos pedido para nos levar com ela.” E eu lhe disse: “E se ainda estivesse aqui?” Então Maximino estendeu a mão para alcançar um pouco do clarão, mas tudo havia desaparecido. Observamos bem para ver se ainda a víamos.
E eu disse: “Ela não quer se mostrar para não nos deixar saber para onde foi.” Depois disso fomos atrás de nossas vacas.”
Este é o relato de Melânia; que, interrogada sobre como aquela Senhora estava vestida, respondeu:
“Ela usava sapatos brancos com rosas ao redor… havia de todas as cores; usava meias amarelas, um avental amarelo, uma veste branca toda coberta de pérolas, um lenço branco no pescoço contornado de rosas, uma touca alta um pouco pendente na frente com uma coroa de rosas ao redor. Tinha uma correntinha, à qual estava pendurada uma cruz com seu Cristo: à direita uma torquês, à esquerda um martelo; na extremidade da cruz pendia outra grande corrente, como as rosas ao redor do seu lenço de pescoço. Tinha o rosto branco, alongado; eu não podia olhar muito tempo, porque ofuscava.”
Interrogado separadamente, Maximino faz o mesmo relato, sem nenhuma variação, nem na substância nem na forma; por isso nos abstemos de repeti-lo aqui.
São infinitas e estranhas as perguntas capciosas que lhes fizeram, especialmente por dois anos, e sob interrogatórios de 5, 6, 7 horas seguidas com a intenção de embaraçá-los, confundi-los, fazê-los contradizer-se. Certo é que talvez nenhum réu tenha sido tão duramente interrogado pelos tribunais de justiça sobre um crime que lhe fora imputado.

Segredo dos dois pastores

Logo após a aparição, Maximino e Melânia, ao retornarem para casa, perguntaram um ao outro por que a grande Senhora, depois de ter dito «as uvas vão apodrecer», demorou um pouco para falar e só mexia os lábios, sem deixar entender o que dizia?
Ao se interrogarem mutuamente sobre isso, Maximino disse a Melânia: «Ela me disse uma coisa, mas me proibiu de te contar.» Ambos perceberam que haviam recebido da Senhora, cada um separadamente, um segredo com a proibição de o

revelar a alguém. Agora pense, leitor, se os jovens conseguem guardar segredo. É inacreditável o que foi feito e tentado para arrancar deles esse segredo de alguma forma. É impressionante ler as milhares de tentativas feitas para esse fim por centenas e centenas de pessoas durante vinte anos. Orações, surpresas, ameaças, insultos, presentes e seduções de toda espécie, tudo foi em vão; eles são impenetráveis.

O bispo de Grenoble, um homem octogenário, achou que devia ordenar aos dois privilegiados meninos que pelo menos entregassem seu segredo ao Santo Padre, Pio IX. Ao nome do Vigário de Jesus Cristo, os dois pastorezinhos obedeceram prontamente e decidiram revelar um segredo que até então nada havia conseguido arrancar deles. Eles mesmos o escreveram (desde o dia da aparição estavam sendo instruídos, cada um separadamente); depois dobraram e lacraram suas cartas; tudo isso na presença de pessoas respeitáveis, escolhidas pelo próprio bispo para servir de testemunhas. Então o bispo enviou dois sacerdotes para levar a Roma essa misteriosa correspondência.

Em 18 de julho de 1851, entregaram a Sua Santidade Pio IX três cartas: uma do Senhor bispo de Grenoble, que credenciava esses dois enviados, e as outras duas continham o segredo dos dois jovens de La Salette; cada um havia escrito e lacrado sua carta contendo seu segredo na presença de testemunhas que declararam a autenticidade das mesmas na capa.

Sua Santidade abriu as cartas e, ao começar a ler a de Maximino, disse: «Tem realmente a candura e a simplicidade de uma criança.» Durante a leitura, uma certa emoção se manifestou no rosto do Santo Padre; seus lábios se contraíram, suas bochechas se inflaram. «Trata-se, disse o Papa aos dois sacerdotes, de flagelos que ameaçam a França. Não é apenas ela culpada, também a Alemanha, a Itália, toda a Europa, e merecem castigos. Eu temo muito a indiferença religiosa e o respeito humano.»

Afluência em La Salette

A fonte, perto da qual a Senhora, ou seja, a Virgem Maria, havia descansado, estava seca, como dissemos; e, segundo todos os pastores e camponeses da região, só dava água após chuvas abundantes e o derretimento das neves. Agora, essa fonte, seca no mesmo dia da aparição, no dia seguinte começou a jorrar água, e desde então a água corre clara e límpida sem interrupção.

Aquela montanha nua, íngreme, deserta, habitada pelos pastores apenas quatro meses por ano, tornou-se o palco de uma imensa concentração de pessoas. Populações inteiras vêm de todos os lados para aquela montanha privilegiada; e, chorando de ternura e cantando hinos e cânticos, inclinam a testa sobre aquela

terra abençoada, onde ressoou a voz de Maria: vê-se que beijam respeitosamente o lugar santificado pelos pés de Maria; e descem cheios de alegria, confiança e gratidão.
Todos os dias, um número imenso de fiéis vai devotamente visitar o local do prodígio. No primeiro aniversário da aparição (19 de setembro de 1847), mais de setenta mil peregrinos de todas as idades, sexos, condições e até de todas as nações cobriam a superfície daquele terreno…
Mas o que faz sentir ainda mais o poder daquela voz vinda do Céu é que houve uma mudança maravilhosa nos costumes dos habitantes de Corps, de La Salette, de todo o cantão e arredores, e que ainda se espalha por lugares distantes… Eles pararam de trabalhar aos domingos; abandonaram as blasfêmias… Frequentam a Igreja, atendem à voz de seus pastores, aproximam-se dos santos sacramentos, cumprem com edificação o preceito da Páscoa, até então geralmente negligenciado. Não falo das muitas e estrondosas conversões e das graças extraordinárias no âmbito espiritual.
No local da aparição ergue-se agora uma majestosa igreja com um edifício vastíssimo, onde os viajantes, depois de satisfazerem sua devoção, podem repousar confortavelmente e até passar a noite à vontade.

Após o fato de La Salette, Melânia foi enviada para a escola, com progresso maravilhoso na ciência e na virtude. Mas sentia-se sempre tão ardente em devoção à Bem-Aventurada Virgem Maria que decidiu consagrar-se inteiramente a Ela. Entrou de fato para a Ordem das Carmelitas Descalças, entre as quais, segundo o jornal *Echo de Fourvière* de 22 de outubro de 1870, teria sido chamada pela Santa Virgem ao céu. Pouco antes de morrer, escreveu a seguinte carta para sua mãe.

11 de setembro de 1870.

Queridíssima e amadíssima mãe,

Que Jesus seja amado por todos os corações. – Esta carta não é só para você, mas para todos os habitantes da minha querida terra de Corps. Um pai de família, muito amoroso com seus filhos, vendo que eles esqueciam seus deveres, desprezavam a lei imposta por Deus, tornavam-se ingratos, resolveu castigá-los severamente. A esposa do pai de família pedia clemência, e ao mesmo tempo ia aos dois filhos mais jovens do pai de família, ou seja, os dois mais fracos e ignorantes. A esposa, que não pode chorar na casa do seu esposo (que é o Céu), encontra nos campos desses miseráveis filhos lágrimas em abundância: ela expõe seus temores e ameaças, se não voltarem atrás, se não observarem a lei do dono da casa. Um número muito

pequeno de pessoas abraça a reforma do coração e começa a observar a santa lei do pai de família; mas, ai de nós! a maioria permanece no pecado e se afunda cada vez mais nele. Então o pai de família envia castigos para punir e tirar esses filhos desse estado de endurecimento. Esses filhos desgraçados pensam que podem escapar do castigo, agarram e quebram as varas que os castigam, em vez de se ajoelharem, pedir clemência e misericórdia, e especialmente prometer mudar de vida. Finalmente, o pai de família, ainda mais irritado, pega uma vara ainda mais forte e bate e continuará batendo até que eles reconheçam, se humilhem e peçam misericórdia àquele que reina na terra e nos céus.

Vocês me entenderam, querida mãe e queridos habitantes de Corps: esse pai de família é Deus. Somos todos seus filhos; nem eu nem vocês o amamos como deveríamos; não cumprimos, como convinha, seus mandamentos: agora Deus nos castiga. Um grande número de nossos irmãos soldados morre, famílias e cidades inteiras são reduzidas à miséria; e se não nos voltarmos para Deus, não terminará. Paris é muito culpada porque premiou um homem mau que escreveu contra a divindade de Jesus Cristo. Os homens têm apenas um tempo para cometer pecados; mas Deus é eterno e castiga os pecadores. Deus está irritado pela multiplicidade dos pecados e porque é quase desconhecido e esquecido. Agora, quem poderá deter a guerra que faz tanto mal na França e que em breve recomeçará na Itália? etc., etc. Quem poderá deter esse flagelo?

É preciso 1º que a França reconheça que nesta guerra está unicamente a mão de Deus; 2º que se humilhe e peça com mente e coração perdão por seus pecados; que prometa sinceramente servir a Deus com mente e coração, e obedecer aos seus mandamentos sem respeito humano. Alguns rezam, pedem a Deus o triunfo dos franceses. Não, não é isso que o bom Deus quer: Ele quer a conversão dos franceses. A Santíssima Virgem veio à França, e esta não se converteu: por isso é mais culpada que as outras nações; se não se humilhar, será grandemente humilhada. Paris, esse foco da vaidade e do orgulho, quem poderá salvá-la, se fervorosas orações não se elevarem ao coração do bom Mestre?

Lembro-me, querida mãe e queridos habitantes, da minha querida terra, lembro-me das devotas procissões que faziam no sagrado monte de La Salette, para que a ira de Deus não atingisse sua terra! A Santa Virgem ouviu suas fervorosas preces, suas penitências e tudo o que fizeram por amor a Deus. Penso e espero que atualmente vocês devam fazer ainda mais belas procissões pela salvação da França; ou seja, para que a França volte a Deus, pois Deus só espera isso para retirar a vara com que castiga seu povo rebelde. Oremos muito, sim, oremos; façam suas procissões, como fizeram em 1846 e 1847: acreditem que Deus sempre escuta as orações sinceras dos corações humildes. Oremos muito, oremos sempre. Nunca amei

Napoleão, porque lembro toda a sua vida. Que o divino Salvador lhe perdoe todo o mal que fez; e que ainda faz!
Lembremo-nos de que fomos criados para amar e servir a Deus, e que fora disso não há verdadeira felicidade. As mães devem educar cristãmente seus filhos, porque o tempo das tribulações não acabou. Se eu lhes revelasse o número e a qualidade delas, ficariam horrorizados. Mas não quero assustá-los; tenham confiança em Deus, que nos ama infinitamente mais do que podemos amá-lo. Oremos, oremos, e a boa, divina e terna Virgem Maria estará sempre conosco: a oração desarma a ira de Deus; a oração é a chave do Paraíso.
Oremos por nossos pobres soldados, oremos por tantas mães desoladas pela perda de seus filhos, consagremo-nos à nossa boa Mãe celeste: oremos por esses cegos que não veem que é a mão de Deus que agora castiga a França. Oremos muito e façamos penitência. Mantenham-se todos ligados à santa Igreja e ao nosso Santo Padre, que é seu chefe visível e o Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo na terra. Em suas procissões, em suas penitências, orem muito por ele. Finalmente, mantenham-se em paz, amem-se como irmãos, prometendo a Deus observar seus mandamentos e realmente cumpri-los. E pela misericórdia de Deus serão felizes e terão uma boa e santa morte, que desejo a todos, colocando todos sob a proteção da augustíssima Virgem Maria. Abraço de coração (aos parentes). Minha salvação está na Cruz. O coração de Jesus vela por mim.

Maria da Cruz, *vítima de Jesus*

Primeira parte da publicação “Aparição da Bem-Aventurada Virgem na montanha de La Salette com outros fatos prodigiosos, recolhidos de documentos públicos pelo sacerdote João Bosco”, Turim, Tipografia do Oratório de São Francisco de Sales, 1871.